

Documento de reflexão sobre a importância do Património Mineiro de Argozelo

No âmbito da organização do Seminário sobre Arqueologia e Museologia Mineiras, patrocinado pelo Instituto Geológico e Mineiro, o Departamento de Minas da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto assumiu a tarefa de realizar um apanhado das potencialidades museológicas mineiras do norte do País. Para tal, foi criada uma equipa de trabalho que estabeleceu diversos contactos com autarquias e entidades particulares e simultaneamente procedeu a diversas visitas a unidades mineiras encerradas.

Durante este processo foi visitada a mina de Argozelo e, naturalmente, contactada a população e alguns membros da Junta de Freguesia.

O Património Mineiro nacional sofreu na última década um abandono generalizado em virtude do encerramento de inúmeras unidades mineiras que fizeram história em muitas localidades do País.

Em alguns casos, as minas subjaziam aos povoados (Argozelo), situavam-se numa estreita vizinhança daqueles ou foram, não raro, a verdadeira razão da sua génese e desenvolvimento. Falar de Jales, da Borralha, de Aljustrel ou de Argozelo, equivale a que automaticamente ocorra ao espírito a respectiva Mina como a mais relevante (senão a única) actividade que, com centro ou referência naquelas localidades e desde tempos por vezes muito recuados, se mostrou capaz de dinamizar e sustentar minimamente a vida de vastas zonas tradicional ou tendencialmente deprimidas dos pontos de vista económico e social.

Os tempos de vigência (recorrente ou continuada) dessas Minas foram épocas de actividade caracterizada, por um lado, por uma dureza e uma periculosidade inerentes à tarefa de subtrair ao interior da crosta terrestre as substâncias úteis ao homem, mas também, por outro lado, pelo exercício de uma certa Arte, eventualmente a mais antiga da Humanidade, de cujo domínio exclusivo qualquer Mineiro se orgulhava.

Isto porque, não obstante o pesado tributo em sofrimento e sangue que a Natureza por vezes não se esquecia de cobrar às toupeiras humanas que persistentemente ousavam revolver-lhe as entranhas, os mineiros socorriam-se (e ainda se socorrem) de técnicas e meios verdadeiramente únicos no panorama de todas as indústrias conhecidas, o que os convertia em trabalhadores algo exóticos, sempre “especiais” no confronto com os restantes. É que a larga maioria das ferramentas e utensílios ligeiros ou pesados manuseados no interior das Minas, os equipamentos de perfuração, desmonte e transporte aí operados pelos Mineiros, as próprias fontes de energia mobilizadas para as diversas operações e a maquinaria que facultava a separação das espécies minerais, integram uma panóplia de meios possuidores de particularidades funcionais e conceptuais absolutamente

invulgares (não poucos dentre eles conseguem reproduzir industrialmente gestos e técnicas ancestrais ou aproveitar habilmente fenómenos da Natureza) que vêm a colocá-los no rol dos artefactos com características "sui generis" geralmente desconhecidos do cidadão comum.

Devido principalmente a conjunturas de mercado, as minas normalmente encerram em situação difícil, após tempos áureos que todos se orgulham de ter vivido.

Restam então as escombrelas, as máquinas, os edifícios e os "buracos". Mas fica na mente de todos essa actividade exercida com sacrifício, coragem e determinação na luta contra o filão, extraindo dele o que de importante possuía. Em Argozelo era o estanho e o volfrâmio. E ficam também os arquivos de mapas, cadastros e documentos diversos da empresa que animou a actividade mineira .

A par deste património histórico-industrial (é assim que o consideramos), fica a ferida do fim da actividade e mesmo do desemprego.

Foi isto que encontramos na nossa passagem por Argozelo e em muitas das zonas mineiras visitadas.

Mas em Argozelo deparámo-nos com uma situação agravada pela agitação provocada pelos meios de comunicação social, pela existência de escombrelas, de depósitos vulneráveis de produtos químicos e de cavidades criadoras de situações de perigo eminente para quem circule na imediações da mina e pela alienação (já concretizada ou em perspectiva) de tudo o que foi objecto em que os mineiros tocaram com as suas mãos. Se lhe somarmos as questões da não resolução a contento de todos os compromissos para com os mineiros trabalhadores, vemos criada a oportunidade perfeita para delapidação de tudo o que ainda subsiste, a breve prazo nada restando de que a população se possa, no futuro orgulhar.

A nossa sensibilidade e a nossa experiência, quer no País quer por essa Europa fora, dizem-nos que há em cada Mina encerrada algo invulgar da actividade do homem que deve ser preservado a todo o custo. E em primeiro lugar para benefício local, contribuindo (num futuro mais ou menos próximo) para ajudar a sarar a tal ferida que naturalmente se abriu com o encerramento da actividade mineira.

Porque afirmamos isto? O carácter particular da actividade mineira e o orgulho que mais ou menos todo o mineiro teve da sua actividade são mais reais do que se possa imaginar.

A preservação de toda a informação sobre o passado do Homem, longínquo e recente, cada vez mais é considerada como um princípio fundamentador e orientador do presente e encarada como um meio potencialmente capaz de fecundar o desenvolvimento cultural e económico dos povos. Não escapa a esta regra a preservação e a valorização futura de tudo o que seja espólio da actividade mineira (varias vezes milenar) que tem decorrido no interior do nosso País. E algo de muito bom tem sido feito em Portugal ou está em vias de ser concretizado, como podemos

comprovar através de alguns exemplos susceptíveis de transposição, com as necessárias adaptações, ao caso das Minas de Argozelo (cfr. Documentos anexos).

Vamos a alguns exemplos.

Em Moncorvo existe o Museu do Ferro. Por altura do verão recebe cerca de 2000 visitas por mês. Retrata a actividade mineira Romana e recente do ferro na região de Moncorvo.

Em S. Pedro da Cova, nos arredores do Porto, uma mina de carvão encerrada na década de 70, possui um Museu Mineiro, instalado na antiga Casa da Malta. É animado por uma comunidade de ex-mineiros, apoiado pela Junta de Freguesia e pela Câmara Municipal de Gondomar, entidade que já tem em seu poder um projecto de musealização de toda a zona da antiga mina. Inúmeras visitas percorrem o Museu, em particular as Escolas da região, ouvindo muitas das histórias que ainda estão vivas na memória dos mineiros. Um pequeno bar, biblioteca e sala de estar acolhem diariamente muitos ex-mineiros em agradável convívio. O arquivo da empresa encontra-se em bom estado de conservação e a ser estudado sistematicamente por especialistas da Faculdade de Letras da Universidade de Letras do Porto. Há um inventário de todos os objectos (de carácter mineiro) que são propriedade das famílias dos antigos mineiros e podem ser usados em exposições temporárias que atraem o público em geral ao local. O Cavalete de S. Vicente, estrutura ex-libris da Vila de S. Pedro da Cova foi, com a nossa colaboração, acarinhado pelo IPAAR e neste momento está sob alçada de Decretos-Lei que o preservam de qualquer alteração ou demolição sem autorização daquele organismo. O objectivo é obter um grau de classificação no âmbito do Património.

- Aljustrel, Lousal, S. Domingos, Martim Longo, Pejão, Vila Cova são outros dos empreendimentos mineiros encerrados onde há ou vai haver pequenos museológicos; e para alguns destes, perspectiva-se (ou decorre já) a sua reconversão em instalações de lazer e de turismo, tendo como polo de atracção (pela sua riqueza e invulgaridade) tudo o que remanesceu ou ainda pode ser recuperado como testemunho da extinta actividades mineira.
- Juntamos ainda um bom exemplo do sul de Espanha: La Union, em Cartagena, criou um Museu mineiro de grande qualidade onde participaram, para além das autarquias locais e regionais, várias entidades particulares que adivinharam as potencialidades turísticas do património mineiro conservado.
- Finalmente, é de referir o esforço que está a ser desenvolvido nas minas da Borralha, onde por iniciativa de um particular, todo o complexo mineiro se encontra preservado e à espera de um projecto que não tardará a ser concretizado com forte apoio da Câmara Municipal de Montalegre. Esta Câmara parece acreditar também que a ferida que se instalou na população mineira e na localidade onde a mina laborou está em vias de remissão, precisamente em virtude da acção de preservação de que toda a Mina foi alvo.

Expendemos estas reflexões porque entendemos como imperdoável a todos os títulos a insensibilidade e o silêncio quanto à necessidade premente de conservar tudo o que possível do espólio das Minas de Argozelo tanto mais que este se encontra em risco eminente de total alienação; é nossa firme convicção de que, uma vez resolvidas as diversas pendências de cariz legal e económico existentes ou latentes, a valorização do património das Minas poderá constituir-se em grande mais-valia cultural e económica para Argozelo e toda a Região.

Por diversas fontes, sabemos que existe uma aspiração local que aponta no sentido das considerações atrás expostas, cuja concretização passaria, como primeiro passo de uma caminhada a iniciar desde já, pela garantia de permanência "in situ" de todo o material que ainda existe em Argozelo. O montante em causa para a concretização deste primeiro passo não nos parece factor inultrapassável. Mas pensamos que é desiderato que ultrapassa as capacidades de iniciativa e financeira, bem como de decisão, de uma Junta de Freguesias que, por múltiplas exigências, apela para competências que claramente a transcendem.

Assim, para que tal objectivo possa ser atingido, será desejável a conjugação de esforços de diversas entidades, entre as quais o Governo Civil de Bragança, as Autarquias Locais (Bragança e Vimioso) e Junta de Argozelo, não se excluindo e sendo mesmo de incentivar a possibilidade do envolvimento de particulares. Existem várias fórmulas possíveis, algumas delas já ensaiadas noutros pólos museológicos, de entre as quais a criação de uma Fundação poderia ser uma solução a considerar.

O Departamento de Minas da FEUP está inteiramente disponível para dar o contributo que lhe for possível em apoio de tal iniciativa.

Ao mesmo tempo, defendemos a opinião de que todo o arquivo da Mina, que se encontra parcialmente destruído, deveria ser recolhido e armazenado para que num futuro volte a ser organizado e estudado por técnicos especialistas. Esse estudo pode contribuir grandemente para que um dia se faça a história da Minas de Argozelo.

FEUP . Dep. Minas, 20 de Maio de 1998

Henrique Sérgio Botelho de Miranda
(Eng^o de Minas - Prof. Associado)

Alexandre Júlio Machado Leite
(Eng^o de Minas - Assistente)

20/05/98

Assunto: Património Mineiro Nacional

Exmº Senhor
Presidente da Junta de Freguesia de Argozelo

Vimos comunicar a V. Exª que nesta mesma data endereçámos ao Exmº Senhor Governador Civil de Bragança uma missiva e uma exposição de que juntamos fotocópias.

Na certeza de que o assunto versado (cuja matéria não transcrevemos por a supormos suficientemente esclarecida através dos documentos supracitados) não deixará de receber o melhor acolhimento da parte de V. Exª. e de que a reunião alvitrada na nossa missiva – mercê das transparentes implicações de ordem social, cultural e económica que o tema a ventilar potencialmente encerra – encontrará nessa Autarquia o eco e a receptividade de que julgamos inequivocamente merecedora, solicitamos a V. Exª se digne envidar os melhores esforços no sentido de o órgão Autárquico a que preside poder vir a identificar-se com as preocupações por nós expendidas e a empenhar-se na concretização de acções concertadas com vista à salvaguarda do património mineiro de Argozelo.

Creemos que a adesão de V. Exª à ideia da reunião cuja realização sugerimos ao Exmº. Senhor Governador Civil de Bragança seria já um primeiro e importantíssimo passo naquele sentido, convictos que estamos de não ser difícil concitar as vontades e aproveitar as sinergias que sabemos existirem no que respeita à defesa e (re)valorização do Património Arqueológico (remoto ou mais recente) do nosso País.

Manifestando perante V. Exª a mais completa disponibilidade deste Departamento para toda a colaboração que estiver ao alcance das nossas possibilidades, subscrevemo-nos,

com os melhores cumprimentos

P'la Direcção do Dep. Minas da FEUP

Henrique Sérgio Botelho de Miranda
(Engº de Minas - Prof. Associado)

Exmº Presidente da Junta de Freguesia de Argozelo

No âmbito da organização do Seminário sobre Arqueologia e Museologia Mineiras, patrocinado pelo Instituto Geológico e Mineiro, o Departamento de Minas da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto assumiu a tarefa de realizar um apanhado das potencialidades museológicas mineiras do norte do País. Para tal, foi criada uma equipa de trabalho que estabeleceu diversos contactos com autarquias e entidades particulares e simultaneamente procedeu a diversas visitas a unidades mineiras encerradas.

Durante este processo foi visitada a mina de Argozelo e, naturalmente, contactada a população e alguns membros da Junta de Freguesia.

O Património Mineiro nacional sofreu na última década um abandono generalizado em virtude do encerramento de inúmeras unidades mineiras que fizeram história em muitas localidades do País.

Em alguns casos, as minas subjaziam aos povoados (Argozelo), situavam-se numa estreita vizinhança daqueles ou foram, não raro, a verdadeira razão da sua génese e desenvolvimento. Falar de Jales, da Borralha, de Aljustrel ou de Argozelo, equivale a que automaticamente ocorra ao espírito a respectiva Mina como a mais relevante (senão a única) actividade que, com centro ou referência naquelas localidades e desde tempos por vezes muito recuados, se mostrou capaz de dinamizar e sustentar minimamente a vida de vastas zonas tradicional ou tendencialmente deprimidas dos pontos de vista económico e social.

Os tempos de vigência (recorrente ou continuada) dessas Minas foram épocas de actividade caracterizada, por um lado, por uma dureza e uma periculosidade inerentes à tarefa de subtrair ao interior da crosta terrestre as substâncias úteis ao homem, mas também, por outro lado, pelo exercício de uma certa Arte, eventualmente a mais antiga da Humanidade, de cujo domínio exclusivo qualquer Mineiro se orgulhava.

Isto porque, não obstante o pesado tributo em sofrimento e sangue que a Natureza por vezes não se esquecia de cobrar às toupeiras humanas que persistentemente ousavam revolver-lhe as entranhas, os mineiros socorriam-se (e ainda se socorrem) de técnicas e meios verdadeiramente únicos no panorama de todas as indústrias conhecidas, o que os convertia em trabalhadores algo exóticos, sempre “especiais” no confronto com os restantes. É que a larga maioria das ferramentas e utensílios ligeiros ou pesados manuseados no interior das Minas, os equipamentos de perfuração, desmonte e transporte aí operados pelos Mineiros, as próprias fontes de energia mobilizadas para as diversas operações e a maquinaria que facultava a separação das espécies minerais, integram uma panóplia de meios possuidores de particularidades funcionais e conceptuais absolutamente

invulgares (não poucos dentre eles conseguem reproduzir industrialmente gestos e técnicas ancestrais ou aproveitar habilmente fenómenos da Natureza) que vêm a colocá-los no rol dos artefactos com características "sui generis" geralmente desconhecidos do cidadão comum.

Devido principalmente a conjunturas de mercado, as minas normalmente encerram em situação difícil, após tempos áureos que todos se orgulham de ter vivido.

Restam então as escombrelas, as máquinas, os edifícios e os "buracos". Mas fica na mente de todos essa actividade exercida com sacrifício, coragem e determinação na luta contra o filão, extraindo dele o que de importante possuía. Em Argozelo era o estanho e o volfrâmio. E ficam também os arquivos de mapas, cadastros e documentos diversos da empresa que animou a actividade mineira .

A par deste património histórico-industrial (é assim que o consideramos), fica a ferida do fim da actividade e mesmo do desemprego.

Foi isto que encontramos na nossa passagem por Argozelo e em muitas das zonas mineiras visitadas.

Mas em Argozelo deparámo-nos com uma situação agravada pela agitação provocada pelos meios de comunicação social, pela existência de escombrelas, de depósitos vulneráveis de produtos químicos e de cavidades criadoras de situações de perigo eminente para quem circule na imediações da mina e pela alienação (já concretizada ou em perspectiva) de tudo o que foi objecto em que os mineiros tocaram com as suas mãos. Se lhe somarmos as questões da não resolução a contento de todos os compromissos para com os mineiros trabalhadores, vemos criada a oportunidade perfeita para delapidação de tudo o que ainda subsiste, a breve prazo nada restando de que a população se possa, no futuro orgulhar.

A nossa sensibilidade e a nossa experiência, quer no País quer por essa Europa fora, dizem-nos que há em cada Mina encerrada algo invulgar da actividade do homem que deve ser preservado a todo o custo. E em primeiro lugar para benefício local, contribuindo (num futuro mais ou menos próximo) para ajudar a sarar a tal ferida que naturalmente se abriu com o encerramento da actividade mineira.

Porque afirmamos isto? O carácter particular da actividade mineira e o orgulho que mais ou menos todo o mineiro teve da sua actividade são mais reais do que se possa imaginar.

A preservação de toda a informação sobre o passado do Homem, longínquo e recente, cada vez mais é considerada como um princípio fundamentador e orientador do presente e encarada como um meio potencialmente capaz de fecundar o desenvolvimento cultural e económico dos povos. Não escapa a esta regra a preservação e a valorização futura de tudo o que seja espólio da actividade mineira (varias vezes milenar) que tem decorrido no interior do nosso País. E algo de muito bom tem sido feito em Portugal ou está em vias de ser concretizado, como podemos

comprovar através de alguns exemplos susceptíveis de transposição, com as necessárias adaptações, ao caso das Minas de Argozelo (cfr. Documentos anexos).

Vamos a alguns exemplos.

Em Moncorvo existe o Museu do Ferro. Por altura do verão recebe cerca de 2000 visitas por mês. Retrata a actividade mineira Romana e recente do ferro na região de Moncorvo.

Em S. Pedro da Cova, nos arredores do Porto, uma mina de carvão encerrada na década de 70, possui um Museu Mineiro, instalado na antiga Casa da Malta. É animado por uma comunidade de ex-mineiros, apoiado pela Junta de Freguesia e pela Câmara Municipal de Gondomar, entidade que já tem em seu poder um projecto de musealização de toda a zona da antiga mina. Inúmeras visitas percorrem o Museu, em particular as Escolas da região, ouvindo muitas das histórias que ainda estão vivas na memória dos mineiros. Um pequeno bar, biblioteca e sala de estar acolhem diariamente muitos ex-mineiros em agradável convívio. O arquivo da empresa encontra-se em bom estado de conservação e a ser estudado sistematicamente por especialistas da Faculdade de Letras da Universidade de Letras do Porto. Há um inventário de todos os objectos (de carácter mineiro) que são propriedade das famílias dos antigos mineiros e podem ser usados em exposições temporárias que atraem o público em geral ao local. O Cavalete de S. Vicente, estrutura ex-libris da Vila de S. Pedro da Cova foi, com a nossa colaboração, acarinhado pelo IPAAR e neste momento está sob alçada de Decretos-Lei que o preservam de qualquer alteração ou demolição sem autorização daquele organismo. O objectivo é obter um grau de classificação no âmbito do Património.

Aljustrel, Lousal, S. Domingos, Martim Longo, Pejão, Vila Cova são outro dos empreendimentos mineiros encerrados onde há ou vai haver pequenos museológicos; e para alguns destes, perspectivava-se (ou decorre já) a sua reconversão em instalações de lazer e de turismo, tendo como polo de atracção (pela sua riqueza e invulgaridade) tudo o que remanesceu ou ainda pode ser recuperado como testemunho da extinta actividades mineira.

Juntamos ainda um bom exemplo do sul de Espanha: La Union, em Cartagena, criou um Museu mineiro de grande qualidade onde participaram, para além das autarquias locais e regionais, várias entidades particulares que adivinharam as potencialidades turísticas do património mineiro conservado.

Finalmente, é de referir o esforço que se está a desenvolver nas minas da Borralha, onde por iniciativa de um particular, todo o complexo mineiro está preservado e à espera de um projecto que não tardará a ser concretizado com forte apoio da Câmara Municipal de Montalegre. Esta Câmara parece acreditar também que a ferida que se instalou na população mineira e na localidade onde a mina laborou está em vias de remissão, precisamente em virtude da acção de preservação de que toda a Mina foi alvo.

Estamos a partilhar com V. Ex^a estas reflexões e preocupações, na certeza de que não ficará insensível à necessidade urgente de conservar tudo o que possível do espólio das Minas de Argozelo; é nossa firme convicção de que, uma vez resolvidas as diversas pendências de cariz legal

e económico existentes ou latentes, a valorização do património das Minas poderá constituir-se em grande mais-valia cultural e económica para Argozelo e toda a Região

Pelos meios de comunicação social e por contactos estabelecidos, sabemos que há vontade da Junta de Freguesia no sentido de adquirir todo o material mineiro que ainda lá existe. É nossa opinião que essa será uma atitude correcta e a incentivar imediatamente. Dela poderá resultar, num futuro que gostaríamos que não fosse tardio, um núcleo Museológico Mineiro à imagem dos que existem e se vão criando em muitas localidades Europeias. A região só ganharia com tal atitude.

O Departamento de Minas da FEUP está inteiramente disponível para dar o contributo que lhe for possível em apoio de tal iniciativa.

Ao mesmo tempo, defendemos a opinião de que todo o arquivo da Mina, que se encontra parcialmente destruído, deveria ser recolhido e armazenado para que num futuro volte a ser organizado e estudado por técnicos especialistas. Esse estudo pode contribuir grandemente para que um dia se faça a história da Minas de Argozelo.

Uma informação idêntica a esta foi enviada à Presidência das Câmaras de Bragança e de Vimioso, bem como à Junta de Freguesia de Argozelo.

Gratos pela atenção de V. Ex^a, e convictos de que irá dar o seu contributo para que não seja colocado um fim definitivo nas Minas de Argozelo, ficamos ao inteiro dispor, enviando os nossos mais respeitosos cumprimentos.

FEUP . Dep. Minas, 19 de Maio de 1998

Abílio Augusto Tinoco Cavalheiro
(Prof. Associado - Director do Departamento de Minas)

Henrique Sérgio Botelho de Miranda
(Prof. Associado)

Alexandre Júlio Machado Leite
(Assistente)